



SENADO FEDERAL

FERNANDO COLLOR  
Senador – PTB/AL



# “CARITAS IN VERITATE” O AMOR NA VERDADE

## TERCEIRA ENCÍCLICA DO PAPA BENTO XVI

DISCURSO INAUGURAL DO SEGUNDO SEMESTRE DA  
3ª SESSÃO LEGISLATIVA DO SENADO FEDERAL

122ª SESSÃO – 3 DE AGOSTO DE 2009

53ª LEGISLATURA



**SENADO FEDERAL**

# **“CARITAS IN VERITATE” O Amor na Verdade**

**Terceira Encíclica do Papa Bento XVI**

**Discurso Inaugural do Segundo Semestre da  
3ª Sessão Legislativa do Senado Federal**

**FERNANDO COLLOR**

Senador – PTB/AL

**122ª Sessão – 3 de agosto de 2009**

**53ª Legislatura**

**BRASÍLIA – DF**



## APRESENTAÇÃO

Em contato com diversos membros da comunidade religiosa de meu Estado, tive a oportunidade de conhecer com maior profundidade a Terceira Encíclica do Papa Bento XVI, datada de 29 de junho de 2009.

As duas primeiras Encíclicas, *Deus Caritas Est* (Deus é Amor) e *Spe Salvi* (Salvos na Esperança), datam, respectivamente, de dezembro de 2005 e de dezembro de 2007.

Este novo Escrito do líder máximo da Igreja Católica nos traz para reflexão um precioso documento de cunho social e econômico intitulado *Caritas in Veritate* – O Amor na Verdade – contendo inspirada análise humanística da atual situação e das perspectivas de nossa sociedade diante da crise global.

O presente discurso foi proferido no Plenário do Senado Federal, inaugurando a Sessão de abertura dos trabalhos do segundo semestre de 2009. Na oportunidade, pude expor o pensamento e as preocupações do Papa, dirigidos, como ele mesmo expressa, a “todos os homens de boa vontade”.

Espero aqui, no desempenho de meu mandato parlamentar, poder contribuir com a divulgação deste oportuno ensinamento.

**Senador Fernando Collor**

**(PTB – AL)**

Brasília, agosto de 2009.



## PRONUNCIAMENTO

(Do Senhor FERNANDO COLLOR)

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores,

Recentemente, o Papa Bento XVI tornou pública sua terceira Encíclica, de cunho social e econômico, intitulada *Caritas in Veritate* – “O amor na verdade”. Este interessante escrito de um líder mundial de incontestável autoridade moral, dirige-se não só aos fiéis católicos, mas “a todos os homens de boa vontade”. Ora, somos isto, pessoas de boa vontade, e somos todos delegados de um Estado cujo povo é historicamente caracterizado por raízes profundamente cristãs e majoritariamente católicas. Deve, pois, ecoar nesta Casa da República, o pensamento e as preocupações do Papa, sobretudo nesta hora de crise econômica internacional que, na sua amplitude e complexidade, pode ter tanto de conseqüências para a humanidade e a convivência dos povos.

O que Bento XVI apresenta é uma visão de inspiração profundamente cristã e humanística da atual conjuntura neste particular contexto de crise global, e aponta possíveis pistas para a construção de um mundo mais digno do homem. Esta Encíclica, portanto, pode ser considerada um sonho; não daqueles que se alienam e se afastam da realidade, mas, ao invés, daqueles outros, que jogam para adiante, provocam, inspiram, fazendo que se caminhe e se construa um futuro.

Gostaria, portanto, de expor a esta Casa alguns temas que julgo mais importantes presentes neste Documento que, certamente, merecem atenção e uma acurada leitura de nossa parte.

Primeiramente, o Papa exprime uma salutar consciência de que a Igreja não possui soluções técnicas para oferecer, mas tem uma missão de verdade a cumprir, colaborando na conscientização de valores que constituam uma sociedade à medida do homem, da sua dignidade e da sua vocação. Efetivamente, pensando no homem e na sociedade que ele constrói, o Documento pontifício desenvolve a interessante e fecunda categoria de “desenvolvimento integral”, isto é, um desenvolvimento que contemple seriamente o homem todo e todo o homem. Neste sentido, o Papa faz uma advertência que deveria ser levada a sério por todos quantos se comprometem com os destinos de nossa sociedade ocidental e com o futuro de nosso povo brasileiro: sem uma perspectiva de vida eterna, o progresso humano neste mundo permanecerá sempre privado de respiro. Fechado dentro da história, num imanentismo estreito, o desenvolvimento está sujeito ao risco de reduzir-se a simples incremento do ter. Deste modo, a humanidade perde a coragem de permanecer disponível para os bens mais altos, para as grandes e altruístas iniciativas solicitadas pela solidariedade universal.

No pensamento do Papa, as instituições sozinhas não bastam: são necessários valores, e valores que se centrem na pessoa humana compreendida como portadora de uma dignidade inalienável e destinada e aberta a uma plenitude eterna. Concorde-se ou não com tal visão, não há como negar que ela pode inspirar, sim, uma postura bastante fecunda e comprometedora do desenvolvimento como agente de humanização e de bem para todos e não somente para alguns poucos... É convicção antiga do pensador respeitado que é Joseph Ratzinger, agora Bento XVI, que sem Deus, o desenvolvimento é negado no seu sentido mais radical, pois que é desumanizado! É bom que se pense nisso, pois não poucas vezes no nosso mundo hodierno temos visto o quanto um humanismo fechado para valores transcendentes possui pernas curtas e termina por justificar a exploração do homem pelo homem. O desenvolvimento defendido pelo Papa é permeado por uma ética centrada na pessoa e não simplesmente fundado numa técnica que desconsidera o homem e se compreende a si mesmo como um fim autônomo. Esta situação seria de falso

desenvolvimento e terminaria por destruir o homem. Para o Papa, o desenvolvimento tem necessidade da verdade – e a verdade é uma realidade humana, ética! Sem ela, o agir social cai na rede dos meros interesses privados e das lógicas de poder, com efeitos deletérios para a sociedade e o futuro da humanidade. Basta recordar a gênese da atual crise econômica mundial para percebermos o quanto é verdadeiro o raciocínio do Pontífice!

O Documento papal articula de modo inteligente e instigante a ideia de desenvolvimento integral com a ampla e onipresente realidade atual da globalização. A avaliação deste último fenômeno é positiva no Documento papal, mas com a condição de que o processo de globalização seja permeado de uma ética centrada na pessoa. Há uma frase de particular efeito no texto de Bento XVI: “A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade”.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores, penso que estas palavras nos deveriam fazer refletir, pois, sinceramente, a sociedade que desejamos construir deve ser calcada numa precisa visão de homem, de pessoa, que tenhamos! O Papa nos propõe pensar no homem como ser aberto para o Infinito! Aqui não se trata de negar a laicidade do Estado brasileiro, mas de levar em conta, sem um doentio e fundamentalista laicismo, aquilo que já é um fecundo dado cultural do nosso povo e uma riqueza secular de nossa sociedade: sua fé, sua certeza de que cada pessoa tem uma dignidade e é sujeito de direitos e deveres fundados, em última análise, no destino eterno da humanidade. É assim que pensa a extragrande maioria do povo brasileiro, a quem servimos nesta Casa.

Louvando claramente o progresso, reconhecendo a importância da mentalidade empreendedora e competitiva, elogiando convictamente a democracia e as liberdades individuais, o Papa recorda que as causas do subdesenvolvimento não são primariamente de ordem material, mas, sobretudo de vontade, de pensamento e, ainda mais, de falta de fraternidade entre os homens e os povos. Assim, o Pon-

tífice introduz o tema da humanização da economia, dos mercados, dos fluxos de capitais, da atividade empresarial e dos macroprojetos econômicos dos Estados nacionais. O Papa chama atenção para o fato de que o exclusivo objetivo do proveito, do lucro, sem ter em mente o bem comum como fim último, ameaça destruir riquezas e criar pobreza. Exemplos disso seria uma atividade financeira simplesmente especulativa, os fluxos migratórios de capitais, muitas vezes mal gerenciados, a exploração predatória e desregulada dos recursos naturais... Urge, no pensamento de Bento XVI, uma nova cultura, uma sociedade construída sobre novas bases, sustentadas por uma nova síntese humanística! O homem, não a técnica, tem que ser colocado em primeiro plano; o homem, não o lucro, tem que ter a prioridade; o homem, não o mercado, tem que ser a finalidade!

Neste sentido, o Documento papal constata que, se cresce a riqueza mundial em termos absolutos, aumentam, no entanto, as disparidades, e aparecem novas pobreza. A competição desenfreada e, no mais das vezes, desatenta à dignidade da pessoa humana, tem levado à supressão de vários direitos dos trabalhadores e ao desmantelamento do estado de bem-estar social. Para adequar-se à competição da economia globalizada, reduziu-se notavelmente as redes de segurança social, deixando os cidadãos impotentes frente aos riscos antigos e novos. Não há como negar que nos últimos decênios os vários Estados têm esquecido que o primeiro capital a salvar é valorizar o homem, a pessoa na sua integridade e integralidade! O Papa pede, então, que as decisões econômicas atuais continuem a perseguir como prioridade o acesso de todos ao trabalho, superando uma visão econômica de breve ou brevíssimo prazo que termina por baixar o nível de direito dos trabalhadores e a saúde ecológica do planeta. E aqui, Bento XVI alerta para a responsabilidade das pessoas e dos governantes neste sentido, num empenho novo e criativo!

Deve ser claro que Bento XVI não se opõe de modo algum à globalização ou à economia de mercado, mas sim a uma visão simplista e míope, que absolutiza o material e não prioriza o homem como centro e critério da atividade econômica e do desenvolvimento! Uma visão somente produtiva e utilitarista da existência e uma convicção

fundamentalista de uma autonomia da economia ante qualquer influência de caráter moral levaram o homem a abusar do instrumento econômico, tornando-o um elemento às vezes até mesmo destrutivo. Se o desenvolvimento quer ser realmente humano deve deixar-se guiar por critérios éticos e trazer em si também o valor da gratuidade e do amor pelo outro. Alienação utópica? Ingenuidade religiosa? Ou, ao invés, sabedoria de quem representa uma Instituição que conhece bem o coração humano? Cabe a cada um de nós avaliar...

Esta necessidade de critérios éticos e humanizadores vale, de modo particular, para o mercado. Diz o Papa que, sem formas internas de solidariedade e confiança recíproca, o mercado não pode desempenhar realmente sua função econômica. E nós vimos o quanto a crise atual explodiu sobretudo como uma crise de confiança! Para Bento XVI, o mercado não pode contar somente consigo próprio, mas deve buscar energias morais em outros sujeitos e não deve considerar os pobres como um fardo, mas como uma fonte de possibilidades. O mercado não deveria tornar-se o espaço da destruição do fraco pelo mais forte, mas deveria levar a sério realmente a lógica do bem comum; lógica que deveria ser tutelada sobretudo pela comunidade política... Estaríamos nós a altura de tal desafio?

É claro que no pensamento de Bento XVI o mercado não tem uma natureza em si negativa. A questão é o homem, com sua consciência moral e sua responsabilidade! As pessoas são maiores que o mercado e podem desvirtuá-lo miseravelmente! Neste sentido, a atual crise mostra que os tradicionais princípios da ética social não podem ser transcurados! E não somente o mercado, mas a empresa deveria passar por profundas mudanças. Sua gestão não deveria somente atender ao lucro dos proprietários, mas deveriam estar atentas à sua função social.

Diante disto, fica patente no pensamento do Papa a necessidade de uma globalização compreendida não somente como processo socioeconômico, mas como uma realidade mais ampla, que tenha uma orientação cultural personalista e comunitária, aberta à transcendência e provida de valores éticos e instrumentos adequados para corrigir distorções. O Pontífice é consciente de que nada disso será

possível sem uma mudança de estilo de vida e sem a assunção de valores éticos e morais que superem a visão egocêntrica e hedonista que permeia nossa sociedade ocidental.

Finalmente, Bento XVI augura organizações internacionais mais fortes, dotadas de efetivo poder político que, sem esvaziar o papel dos Estados e das pessoas, melhor regulem a economia e as relações entre os povos e países segundo os princípios da subsidiariedade e da fraternidade. O Pontífice alude neste contexto à urgente necessidade de reforma da ONU e a uma real mudança na arquitetura econômica internacional.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores, quis apresentar de modo sucinto estes pensamentos do Chefe da Igreja Católica porque penso que são uma visão provocante para todos nós. O Senado da República, como Câmara Alta do nosso Sistema de Governo, deve pensar alto, deve pensar grande, deve superar a visão estreita que tanto mal tem nos feito e tantos danos têm trazidos à nossa democracia. Precisamos discutir ideias que engendrem propostas e projetos para o nosso País. Auguro que a leitura deste Documento com o qual Bento XVI nos brindou nos instigue neste caminho.

Era o que tinha a dizer, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores.

Muito obrigado!

Sala das Sessões, 3 de agosto de 2009.

SENADO FEDERAL  
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900  
Brasília – DF

OS nº 1789/2009

